



DEUS PRA QUÊ?

UMA REFLEXÃO SOBRE A FÉ
E O AUTOCONHECIMENTO

AUGUSTO ERIC AUAD

AUGUSTO ERIC AUAD

DEUS

PRA QUÊ?

UMA REFLEXÃO SOBRE A FÉ E O AUTOCONHECIMENTO

FORTALEZA - CE

- 2016 -

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
(CIP)**

Auad, Augusto Eric

Deus pra quê? Uma reflexão sobre a fé e o autoconhecimento / Augusto Eric Auad. – Fortaleza, CE: [s.n.], 2016.

78 p.; 14x21cm.

ISBN: 978-85-5697-157-9

1. Espiritismo 2. Espiritualismo 3. Filosofia. 4. Psicologia. I Título.

Aos meus filhos, por estarem comigo nesta caminhada.

Entrega-te ao trabalho e confia. Surgirão mil motivos para abandonares o caminho que tu mesmo traçaste para ti. Não te iludas, nem temas; inicia a caminhada e avança.

Caminha, procurando a cada instante perceber os sinais que fortalecerão a tua Fé, e que serão as verdadeiras luzes do teu caminho. Ora para que estes sinais se revelem a ti e que tu os possa enxergar com o coração e com a mente límpida.

Aprende a amar o trabalho solitário que realizas quando ninguém vê. E quando o teu coração estiver sereno e humilde, sem medos e apreensões, então encontrarás a força que não supunhas ter; a paz que não acreditavas merecer; e a fé que nunca imaginastes possuir.

Crê e vencerás!

DEUS PRA QUÊ? Por AUGUSTO ERIC AUAD

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
SOMOS DEUSES.....	19
A FELICIDADE REAL.....	31
O DOM DE DEUS EM NÓS.....	47
A REALIDADE DOS SONHOS.....	54
A ILUSÃO MATERIALISTA.....	64
A ESCOLA TERRENA.....	69
ESTAMOS TODOS APRENDENDO.....	74

INTRODUÇÃO

Haverá momentos em que te sentirás completamente à deriva, mesmo que estejas completamente certo do que precisas fazer. Então, mantém acesa a chama da esperança e segue trabalhando, pois todo tempo sem rumo precede ao encontro da fé.

Eu já havia dado como concluído este pequeno livro e, inclusive, escolhido outro título, quando, fazendo as últimas correções já no adiantado das horas, fui surpreendido por uma dessas perguntas que às vezes nos chega inesperadamente, como se escapassem de algum lugar em nosso íntimo e viessem até nós com o intuito claro de nos provocar e suscitar reflexões que, sinceramente, nem sempre estamos ávidos por fazê-las.

Deus pra quê? Essa pergunta chegou-me de uma forma tão inesperada que me pareceu como um grito preso que acabara de soltar-se de algum lugar dentro de mim, e ecoasse por todo o meu continente de dúvidas.

Confesso que a primeira coisa que fiz foi tentar introduzir uma vírgula após “deus”, o que possivelmente daria à pergunta um sentido mais polido, talvez quem sabe até um contorno mais filosófico, menos agressivo, mas logo percebi que se assim o fizesse estaria mudando-lhe completamente o sentido.

É claro que eu, como, aliás, quase todo mundo, já fiz e continuo fazendo minhas próprias indagações a respeito da existência de “Deus” e de como lidarmos com este que é, para mim, o maior e

o mais importante mistério da vida. Mas, “Deus pra quê?”, assim sem vírgula, me veio de uma forma tão destemida, tão ingênua, e de certa forma, tão necessária, que imediatamente percebi que se tratava de algo bem mais importante que uma simples pergunta, e que, portanto, exigiria de mim, também, algo bem mais que uma simples resposta, algo como um testemunho, além de está, claramente, relacionada ao próprio livro, o que me fez deduzir, também, que o mesmo ainda não estivesse concluído. E não estava.

Já era madrugada e eu havia passado praticamente todo o dia debruçado sobre os últimos detalhes necessários à conclusão do livro, e por isso, resolvi que só ao amanhecer dedicaria algum tempo para refletir sobre aquela pergunta meteórica que de certa forma parecia ter desabado sobre mim. Deitei-me exausto; mesmo assim não resisti e comecei a esboçar as primeiras reflexões sobre o acontecido, ainda impressionado com a forma até certo ponto atrevida como a pergunta me chegara, mas, principalmente, por considerar-me ainda mais atrevido, por não querer colocar de uma vez por todas a maldita vírgula depois de “deus”, o que daria por encerrado aquele assunto e o próprio livro; mas, adormeci embalado por essa teimosia, e ao mesmo tempo, por uma deliciosa sensação de paz, e de que algo em mim havia-se libertado.

Quando nos perguntamos “Deus, pra quê?”, por mais que ainda nos sintamos horrorizados em possuir tal dúvida, encontramos na vírgula, uma espécie de intercessor que nos livrará de

cometer tamanho “pecado”. A vírgula acaba por amenizar nossa culpa e tenta nos convencer de que estamos a realizar, digamos, uma indagação, embora audaciosa, compatível com o nosso estágio intelectual. Mas se retirarmos a vírgula, torna-se bem mais difícil sustentar tal “heresia” sem nos sentirmos de uma vez por todas “desmerecedores” da compaixão que o próprio “deus” possa nos ter daí por diante.

Mas, omitir tal dúvida da lista de nossas mais perigosas inquirições não resolve o problema e eu estava certo de que era assim mesmo que eu a iria manter e, mais que isso, que eu precisava me fazer esta pergunta da forma mais corajosa e honesta possível e aceitar a resposta que verdadeiramente viesse de mim.

Assim, este pequeno livro, embora muito simples e desprovido de rigores filosóficos ou mesmo literários, busca ser uma humilde ferramenta de reflexão sobre a nossa relação com aquilo a que nos acostumamos a chamar de “deus” e de “fé”, e sobre o porquê de termos abdicado da liberdade de fazermos as nossas próprias indagações e de chegarmos às nossas próprias conclusões sobre nossas dúvidas mais legítimas, para assumirmos posições alheias, prontas, resultando quase sempre em um comportamento intelectual acanhado, mesquinho, abrindo, assim, mão do direito sagrado de nos valermos de nossa própria consciência para advogarmos em favor de nossas próprias causas.

Além disso, busca incentivar-nos, de alguma forma, a refletirmos sobre a necessidade de investirmos em comportamentos que nos estimulem a uma vivência mais comprometida com o despertar de nossas potencialidades inatas, nosso único e verdadeiro patrimônio, amealhado através das incontáveis experiências adquiridas desde que saímos “simples e ignorantes” das mãos do Criador.

Também nos convida a realizar, incessantemente, novas e corajosas perguntas, a fim de obtermos, quando possível, as respostas que nos facilitem alcançar uma maior compreensão sobre o que somos e sobre qual o papel que nos cabe desempenhar nesse enredo através do qual se nos descortina a nossa própria vida, que se revela ao longo dessa caminhada, e cujo mapa que nos leva ao tão desejado tesouro, a paz verdadeira e inabalável, vai se revelando aos poucos, a cada passo, a cada erro, a cada acerto, a cada derrota, a cada vitória e a muitos recomeços.

Por isto mesmo, tão importante como as perguntas - das quais precisamos nos servir não para simplesmente satisfazer a curiosidade fugaz sobre os nossos infortúnios, mas para fortalecer a fé em nossos propósitos - são as respostas, para que possamos recebê-las de uma forma translúcida, evitando o quanto que possível os nossos “a priores”, medos e receios, nos permitindo ser beneficiados pelo novo, pelo que surge para além de nossas rígidas convicções ou de nossas acanhadas compreensões, sem, contudo, abriremos mão da subjetividade

que nos orienta e nos diferencia, porquanto dá a cada um de nós a tonalidade e os contornos próprios à nossa “personalidade”.

Durante a sua longa caminhada, a humanidade alcançou em diferentes momentos a capacidade de criar novas e decisivas indagações. E elas não surgem antes que estejamos prontos para ouvir-lhes as respostas, simplesmente porque de nada nos adianta o conhecimento para o qual ainda não estamos potencialmente aptos para utilizá-lo. E o conhecimento, seja ele qual for, é a matéria prima da transformação. O alimento da alma.

Assim, saber o que realmente somos como, também, qual a nossa relação com esse “deus” a quem mais tememos do que amamos, e com essa “fé”, que tanto nos fortalece como nos faz duvidar, é dúvida cada vez mais presente e crescente em nossos corações, que não nos faculta apenas à obtenção de novos conhecimentos, mas, também, nos remete aos desafios propícios a novas transformações.

Olhando, superficialmente, “Deus, pra quê?” e “Deus pra quê?”, sem a vírgula, podem até parecer uma mesma pergunta, mas não são.

Uma nos remete a um “deus” da filosofia, das escrituras, das religiões. Um “deus” das nossas fantasias, distante, que nos observa com a ponta dos dedos; um “deus” das nossas “heresias”, temido, mas, insignificante.

A outra nos remete a um “Deus” da nossa experiência, do nosso dia-a-dia; um “Deus” das nossas incertezas, das nossas desconfiças, um “Deus” das nossas lembranças, das nossas fraquezas e superações; um “Deus” tão próximo de nós e tão presente que é simplesmente impossível retirá-lo de nossas vidas. Um “Deus” tão íntimo e tão cúmplice, e com o qual nos sentimos, absolutamente, à vontade, para decidir de que forma o queremos ter em nossas vidas.

Na primeira encontramos as respostas que a nossa ignorância, os nossos medos e a nossa covardia possam nos proporcionar; na segunda, apenas aquelas a que a nossa própria experiência possa nos mostrar. Na primeira alimentamos uma fé idealista, ilusória, mística; na segunda, uma fé raciocinada, límpida, nascida da experiência adquirida nas muitas “vidas” e “mortes” vividas em nossas vidas.

Por isso, este pequeno contributo que compartilhamos agora com todos, nada mais é que um convite para, unidos em sentimentos, pensamentos e ações em torno da proposta do Cristo, trabalharmos para a superação de nossa inércia e de nossas “inconformidades”, através do autoconhecimento e da autorrealização, práticas indispensáveis à nossa transformação e à transformação do mundo.

Para tanto, embasamos nossa modesta contribuição na confiança inquebrantável de que somos a própria manifestação deste “Deus” presente em cada um de nós, em nossos corações, em

nossa inteligência, em nossa intuição e em nosso amor. Esse “Deus” presente em toda a Natureza. Este “Deus” onipresente que nos torna a todos “deuses”, como nos asseverou o Mestre! Nós e tudo o que existe no universo (ou fora dele), e que, portanto, nos torna filhos, não de um “deus” humano ou sobre-humano, que nos observa e nos dirige os destinos, mas de um “Deus” que é de fato a única coisa que existe, a única realidade, e que se manifesta através de nós e em nós, em cada ser, em cada átomo, em cada pensamento, em cada sentimento, através de suas infinitas formas e em suas infinitas dimensões; um “Deus” que não apenas dá a vida, mas que é a própria vida.

Ignorantes quanto à beleza e ao poder de nossa própria individualidade e arredios à nossa “personalidade” inata – aquela que precisará florescer para que possamos desenvolver as competências e habilidades necessárias – seguimos afastados de nós mesmos, privando-nos dos recursos adquiridos ao longo de nossa vasta e árdua caminhada.

Portanto, nossa contribuição nesse instante, enquanto caminhamos nossa estrada de Damasco, não se dirige diretamente àqueles que já se encontram interiormente motivados e confiantes na proposta de libertação interior, apresentada por Jesus e por tantos outros Mestres, nem aos que se encontram completamente descrentes dessa proposta, posto compreendermos que cada um está em sintonia com aquilo que lhe é mais necessário no momento.

Dirigimo-nos àqueles que, embora já se sintam “chamados” ao trabalho de renovação, encontram-se, como nós, ainda, profundamente aflitos, mas, já experimentando os primeiros sinais de confiança na intuição que desabrocha com a depuração dos próprios sentidos, e que nos possibilita abrir os olhos e os ouvidos para a realidade do Espírito e da vida espiritual.

Mesmo que nesses primeiros instantes o que possamos “ouvir” ainda sejam os “ruídos” de nossos próprios conflitos, e o que “vemos” seja um horizonte distorcido pelo nosso distanciamento nas vivências do “bem”, esses “sinais” já nos chamam a atenção para um novo caminho, para uma realidade completamente nova, e que por mais que ainda não a compreendamos claramente, podemos senti-la como sendo um novo ponto de partida; um renascer; uma nova forma de sentir e de viver, agora essencial em nossas vidas.

Por isso mesmo, ao apresentarmos esta modesta contribuição, nosso único objetivo é o de compartilhar, da forma mais simples possível, nossas reflexões, surgidas a partir de várias experiências vividas ao longo dessa vasta jornada, em momentos e situações distintos, parecendo fatos isolados, mas na verdade, relacionados e voltados, exclusivamente, ao despertar espiritual, meu e daqueles que fazem parte comigo dessa longa caminhada.

Nossa proposta não é, portanto, apresentarmos aqui nenhuma receita para a iluminação de quem quer que seja, pelo contrário, apresentamos nossas modestas reflexões cientes de que ainda

estagiamos em patamares de profunda ignorância e inquietação, mas, mesmo assim, oferecermos nossa modesta contribuição àqueles que se sintam de alguma forma identificados e tocados por nossos pensamentos e sentimentos, e, desta forma, queiram juntar-se a nós, conscientes de que são inúmeras as dificuldades a serem superadas à nossa frente, mas que de alguma forma já começamos a nos sentir menos vulneráveis e mais confiantes.

E é, portanto, através desse nosso ponto de vista em relação a esta “Fé” que nos mantém conscientemente ligados a esta Consciência Suprema a qual chamamos de “Deus”, e a partir de nossa própria experiência, que temos conseguido nos tornar, aos poucos e a cada dia, um pouco mais tranquilos em relação tanto ao nosso modo de ser - nem sempre tão agradável e sereno -, como, também, em relação aos tempos difíceis para os quais temos sido “chamados” a viver e a dar o nosso testemunho diante dos desafios misericordiosamente colocados à nossa frente, acreditando que é aqui, enquanto Espíritos encarnados, que deveremos “transformar” as nossas “dificuldades” em fontes de sabedoria para a correção de nossos próprios rumos.

SOMOS DEUSES

Ficai, pois, sempre alerta, sempre preparado, pois o trabalho não para. Acalma o teu coração e deixa que o mais profundo da vida chegue a ti. Não te aflijas. Não te desesperes. Enquanto isso, trabalha, medita e ama.

Eu não estou aqui por acaso. Nem eu, e nem qualquer um de nós, estamos aqui por acaso. Alguma força muito além dos nossos egos, das nossas máscaras e das nossas fantasias, nos trouxe até aqui. Não se trata de nenhuma força sobrenatural; nada fora de nós, nada a que estejamos subordinados ou subjugados. Esta força somos nós mesmos e, embora muitos de nós ainda não estejamos conseguindo percebê-la, ela nos move em direção a nós mesmos. Esta força é o magnetismo que nos atrai na direção da Luz que somos e que chamamos de “Deus”. Estamos aqui para isso. Para nos tornarmos cada vez mais conscientes do que já somos; do que sempre fomos e do que sempre seremos.

Por isso, estamos o tempo todo cercados de vida, de possibilidades, de encontros que se sucedem uns aos outros, ininterruptamente, nos oferecendo as mais variadas formas de experiências; um verdadeiro jardim florido, repleto de vida, repleto de beleza e de infinitas possibilidades.

Mas, então, por que rogamos desesperados ajuda aos céus? Porque ignoramos o fato de que somos o próprio “Deus” a quem suplicamos por ajuda. E é por isso que estamos hoje aqui. É este

o objetivo deste nosso encontro, realizado através deste pequeno livro. Meditarmos sobre a possibilidade de nos sentirmos verdadeiramente “filhos” de “Deus” e não seus escravos. Ela é possível! Na verdade, existe uma grande probabilidade de que esta seja a verdade mais simples e poderosa que exista, talvez a única que realmente nos importe, e talvez seja exatamente por isso, justamente por isso, que quase toda a história de nossa humanidade tenha sido e continue sendo manipulada para que, sequer, pensemos sobre essa possibilidade.

E é por isso que temos sido “levados” a procurar nossa verdadeira “identidade” em “lugares” bem difíceis, complexos e, claro, bem distantes de nós, submetidos a condicionamentos através dos quais somos “convencidos” sobre quais os caminhos que devemos trilhar e qual a direção que devemos tomar até que nos sintamos completamente incapazes de questioná-los sem que isso nos cause uma espécie de colapso em nosso sistema psíquico e, conseqüentemente, emocional e físico.

Estamos, portanto, aprisionados não em grades ou prisões, mas em caminhos construídos em nosso psiquismo, e que nos levam a lugar nenhum, cada vez mais para longe de nós mesmos. Uma espécie de hipnose através do qual recebemos as “informações” que irão determinar a forma como devemos interagir com nossas próprias “informações”, as que nos chegam através de nossa própria Consciência; as que nos chegam em forma de Luz.

Essas Luzes que nos chegam diretamente da Fonte Criadora, são atraídas por nós através de nossa própria frequência e também nos fazem atrair outras “Luzes” que estejam em ressonância com o propósito de nossas vidas. Quando, no entanto, enquanto “personalidade”, e através de nosso livre arbítrio, passamos a atrair “informações” dissonantes com o que verdadeiramente somos e com os propósitos sagrados para os quais fomos criados, adoecemos, por estarmos desassociadas aos verdadeiros objetivos de nossa própria alma.

No universo tudo é informação e é através do nosso estado de consciência e do nosso autoconhecimento, que estaremos preparados para “distinguir” quais as informações que nos interessa ou não assimilar e agregá-las ao nosso psiquismo, passando a incorporá-las ao nosso verdadeiro patrimônio.

Desta forma, muitas informações são “propagadas” pelo sistema de controle, visando reforçar a hipnose que irá nos manter “adormecidos”, alheios aos verdadeiros propósitos da vida, incapazes de percebermos o poder de que somos possuidores desde a nossa criação e que se nos é revelado e permitido ao longo dessa infinita jornada, e na medida em que adquirimos, através de estados mais elevados de consciência, também, o poder sobre nós mesmos.

Por isso mesmo, são muitas as “informações” que visam nos manter escravizados e reforçar em cada um de nós o sentimento de que: “Eu não posso”. E não importa de onde e de que forma

elas venham, com que roupagem, com que estética, com que moldura, elas sempre vêm para servir a um propósito: retirar de nós a capacidade de nos sentirmos imponderados a partir de nós mesmos, conscientes de que somos parte integrante do Universo, do Todo, de “Deus”, e detentores do Seu Poder; um poder que irá manifestar-se na medida em que nos elevarmos em Espírito e em responsabilidade, adquirindo sabedoria através de nossas próprias experiências e aplicando-as em benefício do despertar de outras consciências retardatárias que como nós também são “deuses” em um processo de “autoconscientização”.

Isso porque a Consciência para se “reconhecer” sempre irá precisar sentir e compreender que “pode”, que não depende de nada e de ninguém, pelo menos não no sentido que essas informações são propagadas, através de processos subliminares, subconscientes, que se instalam como verdadeiros limitadores das potencialidades do Ser, impedindo-o de tomar consciência daquilo que o próprio Mestre no asseverou ao declarar-nos: Sois deuses!

Então precisamos retirar esta questão do simples palavreado e trazê-la para uma reflexão honesta. O que faz mais sentido para nós: Termos um “deus” ou sermos a manifestação do próprio “Deus”? Uma coisa é completamente diferente da outra e traz conseqüências absolutamente diferentes para as nossas vidas, porque nos coloca em situações completamente opostas e cada

uma delas irá nos motivar também de forma diferente no que diz respeito às nossas vivências e às nossas dificuldades.

Mas eu acredito que alguns que neste momento me leem, talvez nem se permitam mergulhar nesta reflexão. Bom, neste caso, recomendo que pensem na possibilidade de se permitirem analisar a questão, porque o simples fato de “resistirem”, não significa que já estejam cômicos de alguma “verdade”, mas, pode significar, justamente, que estejam bem distantes. Senão, por que não refletir sobre essa possibilidade? Porque não questionar a forma como temos nos relacionado com o que chamamos de “Deus”? Principalmente se estivermos certos de Sua existência ou de Sua Inexistência, seja qual o significado que “Ele” tenha para nós, então por qual motivo deveríamos temer tal reflexão?

Ora, se pais e mães humanos, tão imperfeitos como os que temos ou como os que somos, sentem-se orgulhosos diante da inquirição de seus próprios filhos em relação às questões mais intrigantes da vida, por que a Inteligência Suprema do Universo iria “magoar-se” conosco, ater-se a sentimentos tão mesquinhos que mais demonstrariam estar em pé de igualdade com a Sua criação ou até mesmo bem abaixo dela, já que aqui e ali já se encontram corações humanos absolutamente desprendidos de tais limitações?

Certamente, não estamos falando do Criador, da “Inteligência Suprema do Universo, Causa primeira de todas as coisas”, mas

de um “engodo”, de uma “armadilha”, talvez até de um “deus”, desses muitos que estiveram entre nós durante o caminhar de nossas várias humanidades e que foram “confundidos” com o verdadeiro “Deus”, o “Deus” de Amor, o “Deus” do qual somos a própria manifestação de suas infinitas possibilidades.

Então, por que teríamos medo de procurá-lo de forma verdadeira em nossos corações através de nosso mais honesto e profundo entendimento? Por que teríamos que temê-lo? Enfim, por que teríamos que mantê-lo em nossas mentes como uma ferradura, algo que reforce a todo instante, o tempo todo, a ilusão de sermos cativos? Que espécie de “deus” mereceria o nosso amor e a nossa gratidão ao se fazer presente desta forma em nossas vidas? A verdade é que não há nenhum “deus”, em nenhum lugar, que precise do nosso “reconhecimento” e muito menos da nossa “adoração”.

Todo o esforço do ser humano em “adorar” a um “deus”, é também um esforço para afastar-se “Dele”. De não reconhecê-Lo em si mesmo. De não lidar com essa Verdade, como nos asseverou Jesus, de que somos todos “deuses”, manifestando todas as qualidades, todas as potencialidades, que são as infinitas possibilidades de um único “Deus”.

Então, como perdemos o poder de sentirmos, de pensarmos e agirmos como “deuses”? Por que a realidade se faz de forma tão esmagadora sobre nós que simplesmente permitimos que isso aconteça? Isso acontece porque acreditamos que somos a parte

mais fraca dessa relação. Porque assumimos um nível tamanho de impotência que para sentirmos poder precisamos escravizar aos outros, ou seja, precisamos nos valer da vida dos outros, das suas energias, da capacidade dos outros, já que não acreditamos mais ser possível encontrarmos esta força em nós mesmos.

E é isso que está na base de todo poder atualmente existente na terra. O poder que não é resultado da força interior, mas da escravidão. E aqueles que detêm o poder são, na verdade, os mais fracos, assustadoramente os mais fracos. A tal ponto que manipulam toda a estrutura social, religiosa, política e econômica, através das religiões, da ciência, da política, das crenças, do estado, a fim de manterem esse estado de escravidão. E é por isso que se dependesse deles, nós jamais saberíamos o que realmente somos. Mas, não dependemos deles. Realmente, não dependemos!

Então vamos direto ao ponto: Como voltar a ter poder sobre nossas vidas? Como nos sentirmos e agirmos como “deuses”, como centelhas divinas? Esse é o ponto que devemos refletir e as experiências decorrentes dessa reflexão e os conhecimentos que elas trazem à nossa vida é o que considero ser o objetivo desta nossa reflexão.

O Conhecimento flui do universo – ele vem direto a nós. Ele bate à nossa porta a todo instante. Nós é que não percebemos. Nós é que não abrimos a porta. E as nossas religiões,

infelizmente, tem servido de “porteiros”, a nos dizer o que entra e o que não pode entrar nos domínios de nossa consciência.

Eles têm nos enganado e substituído os verdadeiros “visitantes” por seus próprios “convidados”, os que eles mesmos escolheram como sendo aqueles a quem podemos “receber”. Aquilo que podemos conhecer. Eles querem inundar a nossa consciência com informações que nos façam sentir “impotentes” em relação à vida, como se viver fosse ao mesmo tempo “a coisa mais importante” e ao mesmo tempo “um grande problema”, mas, que pode ser “resolvido” se fizermos exatamente o que querem que façamos. Por isso precisamos continuar acreditando na morte, na solidão, da guerra e na escassez e assim continuarmos reforçando dois dos sentimentos mais destruidores da alma humana: A impotência e a competição. Diante deles, orgulho, egoísmo, ódio, vingança, avareza... Tudo isto se torna pequeno demais, porque são consequências e não causas.

Por isso, tudo tem sido feito para que você não saiba que o Conhecimento já está em você e em cada um de nós. Nós não aprendemos, nós despertamos para o saber. As informações que nos chegam a toda instante vindas da Fonte Geradora da Vida, trazem conhecimentos que passam a fazer parte de nossa “individualidade” e não de nossa natureza. Temos a imagem e tudo o que nos chega são as peças desse fantástico quebra-cabeça. Tudo o que aprendemos e tudo o que experimentamos, não acrescenta nada em relação ao que somos. Não somos a imagem, nem as partes, somos a Consciência que observa todo

esse grandioso espetáculo, enquanto toma consciência de si mesma.

Então, se quisermos experimentar algo realmente novo e belo em nossas vidas, simplesmente, precisamos aceitar o fato de ser “deuses”. Apenas isso. Eu sei que muitos, na verdade a grande maioria, treme, só de pensar em cometer essa “blasfêmia” porque foi assim que nos ensinaram. Nós fomos ensinados a negar a nossa verdadeira essência, a negar o nosso poder, a nossa sabedoria. Por isso todas as religiões (e não os ensinamentos), foram criadas para impedir que nós tivéssemos acesso a quem realmente somos.

Mas a verdade é que nunca houve um “Deus” separado de você. Tudo o que existe é apenas a manifestação da única coisa que existe e que é o próprio “Deus”. Então, não tenha medo de sentir-se o Próprio. Experimente, confie. Essa é a sua natureza e é por isso que ela vem sendo manipulada, para que você não experimente essa felicidade inesgotável. Essa liberdade suprema.

Permita-se sentir-se em abundância. Permita-se sentir-se com a mais perfeita saúde. Permita-se sentir-se no mais completo estado de paz. Permita-se sentir-se no mundo, neste mundo e senti-lo como ele é: um verdadeiro paraíso. Este é o paraíso. Não precisa esperar por outro. Não há outro. Todos os paraísos são variações de um mesmo lugar. Tudo é aqui e este aqui é tudo e contém todos os lugares e todos os paraísos.

Tudo são apenas frequências, faixas, vibrações, mas é tudo aqui mesmo, aqui no universo. Mesmo os outros universos que a ciência já começa a descobrir são aqui; aqui mesmo. Você não está na terra; você não está em um país; você não está em um universo; você está no infinito e tudo o que existe ao seu redor, incluindo você, seu corpo, suas coisas, é apenas a forma como você decodifica essas informações, essas frequências, essas vibrações. Tudo depende dos seus “olhos”, da sua maneira de “enxergar”, das suas crenças. Tudo é apenas uma projeção nessa experiência.

Então, não se apegue a essas formas. Elas são passageiras. Na verdade são ilusórias. Livre-se das formas e perceba a mensagem que cada informação traz até você. As mensagens que chegam e mudam o “grau” com que você enxerga as coisas. Então, mude o seu olhar, e você “enxergará” as coisas como elas realmente são. Na verdade o que você chama de “realidade” é a mais pura ilusão. Você tem vivido uma grande ilusão. A “realidade” é uma criação sua e você a tem criado a partir de crenças que têm sido ensinadas a você para que você crie exatamente o que outras consciências desejam que você crie.

Na verdade você tem sido um operário. Você tem criado uma realidade que não é sua, mas que você foi condicionado a pensar que é. E essa “realidade” sobre a qual você tem “construído”, essa ilusão que você tem sido estimulado a acreditar que é “real” e que é sua, é na verdade criada para que você permaneça “quieto”, “paralisado”, “estagnado”. Para que você se escravize

sem perceber. Para que você sinta-se escravizado ao ponto de enxergar-se totalmente “livre”. A “realidade” da qual você tem participado é uma crença, uma ilusão que visa fazer com que cada vez mais você se esqueça de Ser. Então, liberte-se, coloque-se novamente em movimento, esqueça as formas, elas só existem em você.

Concentre-se no que realmente importa. Concentre-se na Luz. Na sua Luz. Concentre-se no seu poder, não naquilo que até hoje tentam te fazer crer que seja o poder. Esses que te fazem pensar que possuem poder, também estão cegos. Eles estão blefando, por isso usam a mentira, por isso usam a fome, a ignorância, as armas, a violência. Na verdade eles também não reconhecem o verdadeiro poder; são como vocês. Também não sabem que são deuses.

Duas coisas que nos ensinaram a pensar e a sentir errado: O poder e a Fé. Um está relacionado ao outro. Um alimenta o outro. Um é uma extensão do outro. Mas não estou falando da fé que te ensinaram. Estou falando de coragem. Isso que te ensinaram como fé é um engodo. A verdadeira Fé só surge a partir da coragem. A partir da sua decisão de aceitar a morte do seu ego. Só depois que você tiver a coragem de dizer profundamente e sem medo: DANE-SE, é que você pode começar a movimentar esse poder e até mesmo chamá-lo de Fé. Ele é o próprio poder criador de tudo. Mas não tem nada a ver com religiões, com segredos, com cerimônias, com mistérios. Ele tem a ver com a sua coragem de abandonar o ego. De vê-lo

morrendo diante de Si e dizer DANE-SE. Estou libertando-me de ti. E então, você compreenderá o poder imensurável que possui. Sempre possuiu. Ele sempre esteve ai. E você perceberá que vagou como um escravo durante muito tempo, mas sempre foi o Senhor.

A FELICIDADE REAL

A fé é acreditar naquilo que sua mente faz questão de rotular como bobagens, mas que o seu coração tem a certeza absoluta de tratar-se daquilo que te conduz ao melhor que existe em você.

Durante a nossa vida nem sempre escolhemos os caminhos que nos levam aos desafios mais importantes. De alguma forma estamos quase sempre tentando adiá-los para um momento no qual possamos nos sentir mais seguros a fim de enfrentarmos as questões que, não raramente, são as que nos provocam maior desconforto. É natural, portanto, que assim o façamos.

Porém, muitas vezes, simplesmente as deixamos de lado por muito tempo, procrastinando as etapas decisivas de nossa existência e, enquanto não compreendemos a gravidade em adiá-las, indefinidamente, continuamos a evitar o maior de todos os desafios que é viver em paz com a nossa própria consciência, em harmonia com o que realmente acreditamos, construindo, assim, a cada dia, uma felicidade real a partir do que verdadeiramente somos.

Mas, então, por que temos adiado tanto a busca por essa felicidade real para nos lançarmos nos engodos de tanta fantasia? Algo nos diz que na busca desesperada por este “estado de plenitude” que desejamos alcançar a qualquer preço, nos deixamos encantar pelas promessas fáceis do materialismo que nos promete uma felicidade similar sem nos exigir transformações profundas.

No seu complexo processo de evolução, a humanidade tem sido fortemente marcada por paradigmas que agem de forma profunda no psiquismo do Espírito, se estabelecendo como fatores influenciadores de diversas culturas em um determinado período de tempo. Vivemos sob a égide de um desses paradigmas, o materialista, a nos moldar comportamentos profundamente marcados pelo imediatismo e pelo incentivo ao desconhecimento de si mesmo.

Esse modelo esvazia a busca pelo autoconhecimento, atitude indispensável à construção de uma compreensão necessária ao desenvolvimento da consciência, ao mesmo tempo em que força o indivíduo a projetar-se numa odisseia da qual ele tenta excluir-se a si mesmo, substituindo-se por algo que possa estar à altura do perfil exigido pela cultura dominante, enquanto busca recriar as condições que sempre lhes serão indispensáveis, mas adequando-as ao paradigma que, no entanto, desconsidera-o, enxergando-o como um ser absolutamente material e finito, esvaziando-lhe a alma do seu próprio sentido que é a sua evolução permanente.

Essa a questão sem a qual não conseguiremos enxergar novos horizontes, pelo menos sem que para isso precisemos amearhar tantas experiências dolorosas. Faz-se necessário, portanto, a mudança não simplesmente de modelos políticos, sociais e econômicos, mas do paradigma materialista atualmente vigente, do qual aqueles nada mais são do que a materialização deste, que, por sua vez é a expressão momentânea da consciência

humana, exteriorizada em seus sistemas, sua cultura, sua ciência e sua religiosidade.

Somente através de um amplo processo de autotransformação, promovida pelo autoconhecimento e motivada pela autorrealização, é que poderemos compreender a importância de passarmos a adotar como referência para os nossos comportamentos, um novo paradigma que considere não apenas a existência, mas a imortalidade da alma e a sua evolução permanente dentro de um universo formado não por partes isoladas, mas uno e completamente integrado através de conexões permanentes com repercussão em todos os níveis do sistema.

Esta a visão que nos faz avançar para além do paradigma materialista e caminharmos para a compreensão de um novo paradigma, verdadeiramente capaz de dar subsídios intelectuais e morais necessários para as mudanças requeridas pelo homem novo, protagonista dos novos tempos.

Também de certo é que nosso objetivo aqui não é nem de longe desconsiderar a importância científica, histórica e cultural do paradigma materialista, muito pelo contrário, posto ser notório para qualquer um que se dedique à pesquisa, a importância que esse paradigma teve na evolução intelectual, material e moral da humanidade.

No entanto, cabe-nos compreender e aceitar a evolução do pensamento humano e o natural desconforto que de tempos em

tempos surge causado por esta própria evolução, o que nos obriga a fazer novas e audaciosas perguntas, bem como encontrar novas e corajosas respostas, sem as quais não avançaremos. E precisamos avançar, sempre.

Mas, então, qual seria a relação entre o autoconhecimento e a mudança de paradigma? Essa é, portanto, uma questão que precisa ser compreendida.

Toda e qualquer mudança ocorrida em nossas vidas, provém de uma necessidade que parte do Espírito e de sua relação com o meio em que vive, mas também, e principalmente, da relação com as Leis Divinas “escritas na própria consciência”, que o orienta em toda a sua jornada evolutiva e sem as quais estaria comprometida toda a sua evolução. Ou seja, por mais que estejamos voltados para “fora”, somos, indubitavelmente, regidos pelo o que existe de mais profundo “dentro” de nós, através de uma relação de causa e efeito que age, educativamente, para que nos mantenhamos em perfeita harmonia com o nosso psiquismo, com o nosso corpo, com a Natureza e com todo o universo, regidos pelas mesmas Leis.

Importante lembrarmos que fomos criados simples e ignorantes, porém não vazios de propósitos. Saímos das mãos do Criador com uma identidade própria, adequada à contribuição que daremos à Sua obra e que irá se revelando e tornando-se mais complexa na medida em que se desenvolva a nossa própria evolução. Somos a semente da própria criação e ao mesmo

tempo, somos universos. O micro e o Macro. Por isso mesmo, somos a imagem e semelhança do Criador. Somos deuses!

Essa busca em relação à nossa própria identidade nos parece ser a fonte geradora de todas as nossas necessidades e, portanto, a motivação sagrada para todo o progresso, através do qual nos aproximamos cada vez mais do que chamamos “estado de plenitude” ou “felicidade plena”.

Através desse lento e contínuo reencontro é que o Espírito cada vez mais toma consciência do seu próprio sentido de existir, e passa a compreender, também, o sentido de existir de tudo, posto não ser parte isolada, mas, “cúmplice” dos propósitos do próprio Criador, e, portanto, cocriador, através das Leis que regem todo o Universo.

Desta forma, conhecer-se a si próprio, muito mais do que conhecer aquilo que já se encontra “consciente”, ou que ainda não está, mas existe e age em nós influenciando positivamente ou negativamente o nosso psiquismo e o nosso comportamento, significa conhecermos a nossa própria razão de existir, a nossa essência, o nosso verdadeiro papel na criação, o que só é possível à medida que avançamos para estágios mais elevados de consciência através da transformação moral, única forma segura de aferirmos o verdadeiro crescimento, materializando essas conquistas através de novos paradigmas que nos permitam viabilizar a fixação de novos valores, conceitos e modelos,

capazes de fomentar no psiquismo humano e em toda a sociedade, novas e profundas transformações.

Mas se atualmente o que mais ouvimos dizer é que o mundo passa por “transformações profundas”, por que não sentimos que estas “transformações” nos fazem mais felizes? Por que continuamos vendo aumentar a fome, a miséria, os desequilíbrios sociais, econômicos, os desequilíbrios emocionais? Por que vemos a depressão e a demência tornarem-se cada vez mais presentes em nossos lares, o suicídio, o uso de drogas, a violência aumentando a cada dia a ponto de, para muitos, nem mais causar qualquer tipo de indignação?

A verdade é que não existe transformação, pura e simplesmente, sem crescimento. E crescimento é acréscimo. Não no sentido de acrescentar “coisas”, mas no sentido de acrescentar luz, entendimento. Toda transformação verdadeira exige a “adição” de um novo componente que precisamos necessariamente assimilar; de uma nova compreensão que precisamos alcançar. Quando não existe a assimilação desse novo componente que nos permita efetivamente transformar o que somos, não existe transformação, existe mudança.

Na mudança continuamos os mesmos, apenas adaptados às novas situações e às novas necessidades. Podemos mudar para nos parecermos com o que desejamos ser, mas não podemos simplesmente mudar se desejarmos nos tornar o que verdadeiramente somos. Por isso evitamos ao máximo as

transformações, porque elas naturalmente nos impõem a necessidade de aceitarmos que algo em nós deixará de ser como é. Não simplesmente mudará; não simplesmente tomará outra forma ou se ajustará a alguma situação, mas deixará de existir para que algo novo possa nascer.

Isso é muito mais do que simplesmente readequarmos o nosso ambiente interior, ou mudarmos as coisas de lugar para nos adaptarmos; é encararmos o fato de que algo que investimos tanto tempo de nossas vidas, já não nos faz felizes; não nos dá respostas; é passarmos a enxergar o que somos de outra forma, através de uma nova consciência de ser e de ver a vida, o que implica em novas formas de sentir, de pensar e de se manifestar, ou seja, de morrer e renascer para uma nova vida.

Na transformação eu acrescento algo que não passa a coexistir com o que havia antes, mas que o transforma em algo completamente novo. Na transformação eu sempre deixo de existir e ressurjo como algo novo. Significa que quando agregamos esse novo componente, essa “Luz”, ela não irá adaptar-se ao que já existia, mas o destruirá completamente e dessa destruição nascerá uma consciência nova. A semente que precisa morrer para que nasça a árvore que irá florescer. A química que através da “Luz” se processa em nosso psiquismo, transformando nossas almas a partir dos elementos já existentes.

Também por isso, toda transformação realmente verdadeira é imediatamente percebida. Sempre que alguém realmente se

transforma, chama-nos a atenção por parecer alguém novo, alguém que de alguma forma ainda não conhecíamos, mesmo que, aparentemente, continue o mesmo. Isso não quer dizer que você deixará de existir, que mudará completamente o seu jeito de ser, de vestir, de falar; mas, certamente, mudará o seu jeito de sentir. Por isso, toda transformação verdadeira é ao mesmo tempo, morte e vida acontecendo de forma subjetiva na consciência humana, que morre e renasce a cada nova experiência de autotransformação e autoiluminação.

Esse “estado de plenitude” tem para cada um de nós um significado próprio, porque depende do nosso estado de consciência, o que faz com que na maioria das vezes não estejamos procurando realmente “conhecer” quem verdadeiramente somos, mas, apenas, buscando-nos “descobrir” para “identificarmos” e “extrairmos” de nós aquilo que imaginamos nos dificultar a adaptação ao modelo vigente. Ou seja, nossa motivação nem sempre é para nos autoconhecermos, mas, simplesmente, nos “descobrirmos”, visando não uma transformação interior, mas uma mudança exterior.

É essa a grande proposta oferecida por muitos “especialistas” nos dias atuais: Fazer-nos enxergar em nós aquilo que nos impede uma “adaptação” mais fácil e rápida em relação à cultura estipulada pelo paradigma vigente, ao invés de nos ajudar a tomarmos consciência daquilo que nos impede de realizarmos uma “reconciliação” com o que verdadeiramente somos. Vivemos uma sociedade que não está voltada para “conhecer-se

para transformar-se”, mas, simplesmente, “descobrir-se para adaptar-se”.

Mas então poderíamos nos perguntar: se ainda empreendemos tantos esforços para impor aos outros, o que pensamos ser, por que então não temos conseguido nos sentir realizados e felizes, nem com o que “somos”, nem com a forma como vivemos?

A verdade talvez nos diga que é possível que não estejamos no caminho certo. Que talvez não estejamos na direção do que verdadeiramente somos, pelo contrário, e que, talvez, também resida aí a explicação para estarmos usando de tanta violência: estamos tentando encobrir uma grande farsa. De alguma forma sentimos que perdemos o caminho de volta para “casa”, e embora o orgulho não nos deixe assim demonstrar, estamos desesperados!

Para os que resolvem “enxergar” e sair do proselitismo ultrapassado marcado pela estupidez da culpa e do sofrimento débil, está mais do que claro que o egoísmo e o orgulho nada mais são que instrumentos de sobrevivência arcaicos, necessários ao Espírito humano em seus primórdios, mas ainda utilizados pela imensa maioria da humanidade que insiste em se manter aprisionada a paradigmas que insistem na dor e no sofrimento como as únicas formas de elevação da alma humana e no desconhecimento de si mesmo como a maneira mais segura de se manter “protegido” da verdadeira transformação.

Esta a questão sobre a qual, devemos nos debruçar no século que se inicia. Como criar as condições necessárias para que possamos retomar esta busca através da única forma segura que temos para realmente encontrarmos o caminho de “casa”, que é o autoconhecimento e a adequação racional do nosso comportamento intelectual e moral às Leis de “Deus”, escritas não em pedras ou em livros, mas na própria consciência humana.

Eis o paradigma que devemos despertar em nossos corações e transformá-lo em sustentáculo da nova cultura que precisa renascer das cinzas de tudo o que precisa ruir para que renasça o homem novo: A fé raciocinada em “Deus”, na imortalidade da alma e na sua evolução permanente.

Vale ressaltar que embora este trabalho não tenha absolutamente nenhuma conotação religiosa ou doutrinária, muito pelo contrário, sinto-me perfeitamente à vontade para demonstrar meu apreço pelo termo “paradigma espiritualista”, mas sem a menor intenção de falar aqui por qualquer crença ou religião, para o qual nos sentimos desprovidos de conhecimentos à altura de tal tarefa; também por considerarmos qualquer uma delas incapaz de sozinha, prestar tão complexa e relevante missão. Mas por considerarmos que seja de fundamental importância qual qualquer uma delas encontre-se aberta para a possibilidade de aceitar a realidade do Espírito, bem como da ciência espiritualista.

Por isso mesmo, vale ressaltar, também, a importância da filosofia e da ciência espírita, visto que, sinceramente, nenhuma outra Ciência conseguiu em tão pouco tempo e de uma forma tão clara e objetiva, construir e integrar em torno de si um corpo de princípios tão sólidos e abrangentes, transcendentais, multidimensionais, surgidos a partir de uma observação extremamente rigorosa e acompanhados por uma metodologia que ao contrário do que muitos pensam não se contrapõe ao método científico, mas o complementa, o amplia, permitindo à ciência utilizar-se agora de uma ferramenta mais robusta e segura, indispensável à compreensão das demais dimensões que se nos avizinham. A Ciência Espírita não rompe com a Ciência, mas rompe indiscutivelmente com o paradigma científico vigente.

Ou seja, nosso objetivo principal através deste pequeno trabalho é saímos da reflexão idealista sobre o mundo espiritual e da reflexão materialista sobre o mundo material, para a criação de um paradigma que contempla a ciência, a filosofia e a religião, unindo as diversas dimensões da mesma realidade, propondo mudanças em várias direções e realizando as transformações em suas verdadeiras bases.

Em minhas reflexões, no entanto, também ousar supor que uma nova área da ciência, a chamada mecânica quântica, é o instrumento que dará a sustentação científica aos incontáveis conhecimentos recebidos por esta humanidade, através daquilo que poderíamos chamar de Ensino Universal dos

Espíritos, e cuja Doutrina Espírita tem sua função e importância, mas que não foi e não é a única a cumprir com a nobre missão de realizar sua divulgação, mas, sem dúvida, é a que cumpre o papel histórico de estabelecer no ocidente as bases para o estudo desses ensinamentos através da Ciência, criando, assim, as condições para o surgimento de um novo paradigma que transformará completamente o comportamento de parte da humanidade a caminho da sua regeneração.

Desta forma, não se trata aqui de levantarmos bandeiras dessa ou daquela religião, dessa ou daquela doutrina, filosofia ou crença. Qualquer uma que se proponha a dar o seu contributo ao sucesso dessa odisséia, será bem-vinda, mas é inegável que só conseguirá fazê-lo, realmente, se conseguir ensinar no coração dos homens o desejo firme de retomarem os caminhos que possam reconduzi-los ao amor a “Deus” e ao amor a si mesmos; condições indispensáveis para que floresça o amor ao próximo e se estabeleçam as bases da verdadeira paz universal.

Na sua senda de aperfeiçoamento, o Espírito, através do autoconhecimento e da autotransformação, desenvolve as virtudes que o harmonizam com as Leis de “Deus” e que o identificam ao Criador, tornando-se ele mesmo o caminho que o conduz ao Pai. Nós somos o próprio caminho que nos leva a “Deus”. Não é uma questão de crença; é uma questão de compreensão; e qualquer um que se submeta, corajosamente a esta reflexão, verá que, daquilo tudo em que cremos; desse universo imenso de crenças e de suposições, a única coisa

verdadeiramente racional, que se sustenta, não naquilo em que buscamos crer, mas na própria existência do ser que busca descobrir-se, e a cada dia descobre-se, é a existência de “Deus”. Tudo o mais é decorrência.

Há outro ponto que precisa ser compreendido: o autoamor. Muitas pessoas são egoístas e pensam amarem-se, mas na verdade não se amam. O egoísmo é um sinal de distanciamento de si mesmo. É um sinal de angústia, de sofrimento causado pelo desconforto consigo mesmo. Não há como alguém que verdadeiramente se ama, que verdadeiramente se aceita, ser egoísta. Isso é impossível. É da Lei que o que você seja consigo, seja com o outro. Esse é um ponto que não pode ser mudado.

Então, se você não consegue amar ao próximo, não crie mais problemas; não dificulte ainda mais as coisas; simplesmente, olhe pra dentro e perceba o seu profundo desamor para consigo mesmo. A sua profunda insatisfação para consigo mesmo, e comece a amar-se. E algo começará a mudar.

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mateus 37-39). Eis a chave que o Cristo nos entregou para que pudéssemos encontrar esse que é o verdadeiro tesouro escondido no coração do homem: a felicidade de estar em paz com a própria consciência.

Ora, a consciência humana se manifesta da maneira como cada um de nós enxerga e compreende as Leis de “Deus” a cada instante de nossa própria evolução. E toda evolução verdadeira requer honestidade do ser para consigo mesmo, e isso só é possível com o autoconhecimento, a autorrealização e a autotransformação. Portanto, à medida que evoluímos, alcançamos novos patamares de consciência, e, naturalmente, tomamos conhecimento das Leis Divinas que são eternas e imutáveis, mas que se nos apresentam “atualizadas” em cada escala de nossa evolução.

Não se trata, portanto, de ser feliz de qualquer forma, mesmo que seja inquestionável o direito de cada um ser feliz como quiser. No entanto, é preciso que essa felicidade seja fruto de um profundo conhecimento sobre si mesmo, sobre suas verdadeiras “intenções” e “pré-disposições”, para que se possa, em se conhecendo a si mesmo, tomar conhecimento também dessas Leis, e, dessa forma, alinhar-se com os desígnios Daquele que nos criou para um propósito único e específico, que não nos isola, mas nos relaciona e nos integra; e que não se realizará em dia e hora marcados, mas que se realiza a cada instante em que tomamos consciência de nossas responsabilidades perante nós e perante a vida.

Essa é a tarefa a que todos somos chamados e para a qual, muitos, temos declinado. Talvez porque, indiscutivelmente, o entendimento sobre esse chamado seja algo que nos aconteça aos poucos e nem sempre estamos completamente prontos para

decifrar essa mensagem que nos chega ao coração. Talvez porque ela nos solicite transformações que nem sempre estamos prontos ou dispostos a assumir, por ser algo completamente diferente de tudo o que já tenhamos vivido. Talvez porque precisamos “morrer” e “renascer” de novo.

Mas, se a vigília nos trouxe até este momento, a oração com todo o seu poder “mobilizador” nos levará ainda mais adiante; bálsamo indispensável para as dores surgidas na musculatura do Espírito que agora se movimenta e se transforma. É a dor do crescimento para o qual nenhum de nós encontra-se totalmente preparado e que a falta da fé nos tem feito imaginarmo-nos filhos abandonados diante da provação redentora. Mas não estamos.

Durante os meses em que estive dedicado a este trabalho, pude sentir profundamente como a presença de “Deus” é algo absolutamente real em nossas vidas e que ela se faz através dos Espíritos que nos orientam e nos amparam, sempre. Por isso, podemos dizer seguramente que daquilo em que avançamos, devemos quase tudo a eles, porque enquanto nos mantemos nas faixas infantis da evolução, somos como crianças a depender desses sublimes “tutores” em cujas mãos, “Deus” confiou parte de nossa educação.

Por isso, do mais humilde, ignorante e fragilizado ser vivente na terra, até o mais abastado, esclarecido e forte, ninguém está sem uma fresta de luz que o conduza ao fim do túnel que o conduzirá

novamente ao caminho de “casa”. Mas também ninguém é por si só capaz de atravessá-lo sozinho. E em todos os tempos, por mais que ainda hoje não tenhamos acordado para essa verdade, a trajetória de qualquer um sempre foi e continuará sendo a trajetória de todos, porque estamos todos, absolutamente, ligados uns aos outros, numa extraordinária sinapse em que o universo é o corpo de “Deus” e cada um de nós tem uma função específica e única; absolutamente indispensável aos objetivos do Criador.

O DOM DE DEUS EM NÓS

A transformação não se faz externamente, mas se opera no íntimo de cada um de nós, movendo-nos dentro do universo de nossas infinitas possibilidades para os lugares certos que o Criador nos convoca nos instantes sagrados de nossa existência.

O propósito da vida é amar, mas nem todos ainda compreendemos de que forma conseguiremos despertar em nós este sentimento tão sublime e necessário ao nosso crescimento, mesmo existindo em cada um de nós uma força imperecível que a todos nos impulsiona em direção à autorrealização, que é o exercício através do qual aprendemos a amar aos outros a partir de nós mesmos.

Não há como aprender a amar ao próximo sem amar a si mesmo. E não há como amar a si mesmo sem abrir o coração a “Deus”. “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mateus 37-39). Estas palavras de Jesus deixam claro esta compreensão.

Não importam quais sejam as nossas crenças, as nossas ideologias, os nossos entendimentos. Crer em “Deus” e amá-lo não depende absolutamente em nada dos nossos pontos de vistas. É algo que por mais que resistamos, está dentro de nós. Depende exclusivamente da nossa capacidade e da nossa coragem de nos permitirmos senti-Lo, observar a nossa própria

vida em seus mínimos detalhes, a harmonia e a perfeição por trás de todas as coisas e passarmos a utilizar a razão não como um filtro que nos protege da luz que ainda não conseguimos “suportar”, mas como um instrumento que nos permita abrir os olhos em condições seguras para que a possamos “enxergar”.

Amar a “Deus”, portanto, não é uma questão de crença ou religião. É uma questão de inteligência, de ciência, de sensibilidade e de destemor perante a nossa própria evolução, e é justamente essa capacidade de nos sentirmos emocionalmente maduros para esse amor que nos torna também maduros para iniciarmos uma nova e decisiva etapa em nossas vidas: o exercício do autoamor através do autoconhecimento e da autorrealização.

Ao observarmos a frase de Jesus “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, fica claro que essa tarefa deve ter como referencial o autoamor, ou seja, amarás o teu próximo como tu te amas. Ele colocou a qualidade do amor que tenhamos por nós mesmos como sendo o referencial de amor ao próximo e isso muda completamente as coisas porque exige de nós a mudança de vários paradigmas, entre eles, o que nos ensina a sempre buscar o conhecimento “fora” de nós, ao invés de nos incentivar a caminhar para “dentro” de nós mesmos, iniciando um novo ciclo de relacionamento conosco, através do autodescobrimento, da autoaceitação, do autoconhecimento e da autotransformação. Não há como amar ao próximo sem amar a si mesmo, e não há

como amar a si mesmo sem se conhecer profundamente o que se é, e sem se autotransformar a partir daquilo que se é de verdade.

Mas a verdade é que temos procurado a todo custo evitar este encontro e ao cometermos este ato de descaso para com nós mesmos, substituindo o compromisso de mergulharmos na compreensão do que verdadeiramente somos pela comodidade de continuarmos indefinidamente representando papéis que apenas nos ajudam a protelar a solução de nossos próprios conflitos, teremos que conviver com os gritos que ecoam dos porões de nossa alma, onde nos mantemos aprisionados até que um dia sejamos todos chamados a reparar este que é o mais devastador de todos os crimes: o abandono de si mesmo.

Ao nos abandonarmos, abdicando de nossa responsabilidade pela tarefa inalienável e imprescindível de nos autoconhecermos, e, portanto, de nos tornarmos responsáveis por aquilo que somos, infringimos a Lei de Justiça que deve tornar-se a estrutura central na construção do ser que, em verdade, se reconstrói sempre. Sem isso, estaremos irremediavelmente fragilizados diante aos desafios naturais da vida que visam promover na consciência humana, não o sofrimento, mas a educação, reparadora e justa.

Mas, diante de um mundo onde percebemos que muitos estão imbuídos em conseguir realizar uma espécie de “sonho comum”; aquele sonho tão desejado por tantos e conquistado por tão poucos! Aquele que nos promete segurança, prazer, um

lugar no alto do pódio, e, até, quem sabe, viver o paraíso aqui mesmo na terra – para muitos, o único - então, mesmo que não seja para esse caminho que aponte o nosso coração – essa bússola que trazemos em nós e que cada vez mais a desprezamos - olhamos na direção para o qual ela nos aponta e, simplesmente, não temos a menor ideia do que fazer; nem por onde começar; nem temos como saber até onde essa “aventura” possa nos levar; ou se ao menos chegaremos a algum lugar. E, então, nos perguntamos: pra que? Para que arriscar ser feliz do nosso jeito? Por que não tentar ser feliz do jeito que todos estão tentando ser? Esse é, talvez, atualmente, o conflito mais presente em nossas vidas.

A verdade, embora não nos convençamos facilmente, é simples, e nos diz que cada pessoa, por maior a similitude que possa apresentar em relação às outras, ou, em relação ao conjunto social e cultural a que pertença, é um ser distinto e absolutamente único, desde sua origem e durante toda a sua jornada evolutiva, e, portanto, completamente inviável se faz assumir para si caminhos ou soluções genéricas, destituídos do compromisso com a verdade existente em cada um de nós, única forma de acender luzes sobre o que somos; sobre o que é preciso compreender, disciplinar, superar, transcender e desenvolver, visando o melhor aproveitamento dos recursos já disponíveis ao nosso próprio crescimento.

É essa a ideia central e o sentimento que me inspirou a escrever este livro e que me mantém firme no propósito de dedicar-me a

esta arte que, embora as minhas inúmeras tentativas de abandoná-la, fez-se e faz-se mais forte que os meus medos, fortalecendo-se e fortalecendo-me, convencendo-me de que cada um de nós traz consigo, inexoravelmente, um “dom”, a nossa natureza mais íntima; o “dom de Deus em nós” que se manifesta em cada um com as suas características próprias, intransferíveis e inalienáveis, mas perfeitamente ajustadas às potencialidades e às necessidades individuais do ser, que tem o dever de, em procurando conhecer-se a si mesmo, compreender-se como possuidor deste “dom”, que tem o poder de nos refrigerar a alma, de nos suprir as necessidades na calada e na escuridão da noite e nos fortalecer para as lutas supostamente insuportáveis e invencíveis.

Este “dom” que em alguns se manifesta como o trovão que a todos desperta a atenção por sua beleza necessariamente alarmante e, noutros, como o orvalho, não menos belo e necessário, mas que se faz no silêncio enquanto todos dormem, restaurando a vegetação; suprimindo-a dos nutrientes necessários ao enfrentamento de um novo dia.

É através desse “dom de Deus em nós”, dessa verdade inalienável, que o Criador nos supre as necessidades mais profundas, fortalecendo-nos e transformando-nos em verdadeiras usinas de bênçãos a se derramar, também, sobre todos os que nos cabe à responsabilidade inalienável de auxiliar. Não é a toa que mesmo condicionados a uma vida cada vez mais voltada para “fora”, é inevitável que sintamos essa força que nos

atrai em direção a nós mesmos criando as condições (ou situações) para que possamos compreender (nem sempre da melhor maneira) o nosso verdadeiro papel, não apenas neste mundo, mas em todo o universo; não apenas como homens ou mulheres, mas como seres espirituais, eternos e em constante processo de aperfeiçoamento.

Esse caminho não é aquele que nos torna egoístas, posto que o egoísmo nasce justamente do nosso afastamento em relação a nós mesmo, mas outro, que nos liberta da escravidão e das amarras do empobrecimento psíquico e nos capacita para uma experiência completamente nova, baseada não mais simplesmente nas necessidades instintivas do viver, mas nas possibilidades infinitas do ser.

Ele requer, no entanto, que estejamos no ponto em que algo em nós reclame alguma coisa além das nossas já conhecidas expectativas; incomodados com nossas tão proclamadas “conquistas” e “certezas” e, por isso mesmo, que estejamos desejosos de uma profunda mudança interior. Mais que isso, visto que a dor por si só não é suficiente para nos encorajar a ida aos verdadeiros campos de batalha aonde deveremos enfrentar as lutas mais difíceis, é imprescindível que estejamos dispostos a nos colocar a serviço de nossas próprias causas, transformando os nossos corações em verdadeiras usinas de força a nos fornecer a energia necessária para essa nova e decisiva empreitada.

Por isso mesmo, não importa o que temos feito; como temos vivido ou o que pensamos. Não importa o quanto já tenhamos sido felizes ou infelizes; não importa as barreiras que já ultrapassamos; nem as que, ainda, estão por vir – e virão. Existe um propósito para estarmos aqui e para o qual o próprio “Deus” nos concedeu este “dom” e as forças necessárias para manifestá-lo e do qual nenhum de nós pode alijar-se dessa missão.

Podemos ser substituíveis em relação a uma missão para a qual qualquer outro poderia realizá-la; mas não para a nossa missão; a que nos torna indispensáveis para o Criador; a que nos torna insubstituíveis; a que recebemos diretamente Dele; aquela que o próprio “Deus” “sussurrou” em nossos ouvidos, e que, com Ele, firmamos um compromisso, inquebrantável.

Essa é a força que nos move, mesmo que ainda não a compreendamos, e que nos faz mergulhar nos abismos mais profundos e escalar os picos mais elevados; e que nos faz ir aos lugares mais distantes e, também, aos mais próximos de nós. Este é o segredo mais bem guardado no coração do homem, a causa mais profunda de todas as nossas necessidades e o que verdadeiramente nos impulsiona ao progresso. É a chama que nunca se apaga, mesmo quando tudo parece mergulhado na mais absoluta escuridão. Para isso recebemos este “dom de Deus em nós”. Para que possamos através do que verdadeiramente somos e amamos, cumprir a missão que Ele nos confiou e que é a nossa única e verdadeira razão de viver.

A REALIDADE DOS SONHOS

Existem momentos em que percebemos que uma transformação profunda e irresistível está acontecendo em nosso íntimo e que apesar do medo é preciso que tenhamos a coragem de permitir que isso aconteça. Geralmente, nestes momentos, Deus está trabalhando profundamente dentro de nós.

Lembro-me que logo quando comecei a rabiscar meus primeiros poemas, senti que escrever seria algo indispensável em minha vida. Mas também passei a conviver com um tipo de desconforto provocado por pensamentos que tinham claramente o objetivo de abalar esta certeza.

Era como se estivessem sincronizados com o meu coração e sempre que eu sentia aproximar-se a vontade irresistível de escrever, vinham-me imediatamente à mente perguntas como: o que você tem a falar para as pessoas? O que uma pessoa como você pode acrescentar a alguém? O que teria a dizer de novo? Enfim, uma espécie de tribunal de inquisição se instalava em mim buscando de todas as formas me retirarem as forças para que eu declinasse de minha simples e legítima aspiração.

Sempre que isso ocorria, era inevitável que eu sentisse uma profunda tristeza. E por mais que eu estivesse profundamente motivado, com o coração embevecido pelo desejo e pela certeza de poder realizar-me através das páginas que eu tanto gostaria de escrever, subitamente, eu via toda aquela emoção esvair-se, como se não fosse ainda capaz de retê-la, deixando-a escapar

como se fosse o meu próprio sangue a abandonar-me o corpo, empalidecendo-me completamente a alma. Depois, não havia muito mais o que fazer, a não ser esperar que de um momento para outro, toda aquela emoção retornasse, e que eu pudesse dessa vez, quem sabe, mantê-la para sempre comigo ou vê-la novamente partir, como que a me dizer que ainda não era digno de merecê-la.

Acho que de alguma forma eu acreditava que deveria responder àquelas perguntas; que deveria prestar-me àquele interrogatório, caso eu quisesse realmente levar à frente o meu desejo de escrever. Talvez, quem sabe, fosse realmente preciso eu mudar completamente, transformar-me em alguém melhor; alguém especial, antes de aventurar-se em tal empreitada.

Afinal, o que alguém como eu teria mesmo de especial a dizer? Logo eu que desejava escrever sobre a vida, a esperança, a fé! Se pelo menos tivesse um bom coração! Mas eu não tinha nem mesmo um bom coração, tinha apenas um coração humano, e isso me angustiava porque eu sabia que assim como eu, existiam muitas pessoas que também não se permitiam ousar, que não se permitiam ser felizes, nem realizarem-se, pelo simples fato de se sentirem humanas, simplesmente humanas, e por acharem não ser possível conquistar em um mundo “desumano” um espaço qualquer em que pudessem expressar o que sentem; o que pensam e o que são.

Esta é uma situação que tem nos levado a experimentar uma “realidade” traumática e profundamente desumana por não levar em consideração as características inatas do ser; todo o seu poder criativo e transformador - instrumentos indispensáveis para o seu desenvolvimento harmonioso na busca da autorrealização - e mais que isso, por afastá-lo de seu verdadeiro propósito existencial impedindo-o de manifestar-se, para aprisioná-lo em seus castelos de sonhos, melhor dizendo, de pesadelos, completamente afastado de sua própria natureza, na qual precisa fincar suas raízes, alimentar-se e fortalecer-se, para que germine e se transforme em árvore que, embora pertencente à sua espécie, possui características próprias, únicas, indispensáveis e transcendentais, absolutamente apropriadas à missão sagrada que lhe foi confiada por “Deus”, e cujo objetivo é o seu próprio crescimento e o florescimento de todas as suas incontáveis e incomparáveis qualidades, contribuindo não somente para a sua harmonia, mas também para a harmonia de todos, de todas as espécies, de toda a natureza, enfim, de todo o universo.

Por isso, em todo o planeta uma multidão de pessoas tem se tornado cada vez mais solitária, individualista e egoísta, devido à forma desumana como temos conduzido, na família e na sociedade, uma verdadeira política de desvalorização da vida, retirando desse imenso contingente de almas que se encontram nesse delicado processo de evolução - necessitadas de amparo e educação - as oportunidades que lhes poderiam fomentar a compreensão e a motivação necessárias à valorização de si

mesmas, ao invés de serem transformadas em “vilões”, em “excluídos”, a engrossar as fileiras dos que supostamente necessitam de uma “educação”, “profissão” ou “conversão”, em bases completamente desvirtuadas dos propósitos sagrados para os quais foram divinamente criadas.

Assim, muitos de nós temos negligenciado a nossa própria realidade para transformá-la em sonho inalcançável. E não me refiro aqui aos sonhos no seu sentido psicológico. Refiro-me aqui aos sonhos como sendo uma realidade existente em nós e transformada em algo “irreal”, e isso não pelo conteúdo de suas propostas, mas por não aceitarmos a proposta de nossos conteúdos; por não conhecermos a realidade de nossas possibilidades.

Portanto, não se trata de transformar o sonho em realidade, mas de não transformarmos a nossa verdadeira realidade em sonho, posto que já existe em cada um de nós. E quando negligenciamos esta realidade e a abandonamos em algum lugar escuro de nossa própria alma, passamos a trazer para dentro de nós outras “realidades” que não são as nossas. E esse é o verdadeiro processo de alienação. Através dele adotamos outros projetos para as nossas vidas e passamos a construir agora sim, um sonho, posto não existir em nós essa realidade.

Se no “projeto original” - aquele que já trazemos conosco e para os quais já temos potencialmente todas as condições naturais para realizá-lo – tudo é perfeitamente viável, no “projeto

sonhado” temos um universo completamente estranho a nós. Algo que foi suscitado e elaborado no decorrer do tempo, através da educação, das crenças, do poder, da submissão, da alienação, mas que não nos é íntimo. Psicologicamente não tem as nossas características e, conseqüentemente, não possui similitude com o nosso DNA. É inviável sob todos os pontos de vista, tanto no aspecto biológico como no aspecto psíquico e espiritual, muito embora, para muitos, realizá-lo irá se constituir no grande desafio de suas vidas.

Nosso trabalho, portanto, está voltado para que possamos compreender e desenvolver o “projeto original”, aquele para o qual estamos absolutamente aptos para realizá-lo com absoluto sucesso. Essa é a nossa “missão” e o nosso grande desafio.

Mas os grandes e verdadeiros desafios da alma exigem ousadia e coragem, além de muita paciência, se quisermos atingi-los.

Se alguém quer ser feliz e deseja reencontrar-se consigo mesmo e com o tesouro que é viver em paz com a própria consciência, deve aprender a cultivar a paciência. Sem ela, nada é possível. Nenhuma possibilidade torna-se viável. Cultivar a paciência deve ser a nossa primeira tomada de decisão. Outras virão certamente, mas essa deve ser a primeira. Ela não é a principal, posto que nem todos que a possuem a empregam corretamente. Mas todos que almejam transformar-se verdadeiramente devem possuí-la, inexoravelmente.

Isso porque estamos condicionados a obter o que queremos de forma rápida ou simplesmente desistimos. Esse sentimento tem sido o motivo de grande parte das enfermidades que nos atingem dia após dia, sejam elas físicas ou psíquicas. A sensação de tudo ou nada é absolutamente presente em nosso psiquismo e é, infelizmente, a que muitos de nós temos cultivado. E é algo devastador.

Ao se colocar nessa dualidade o indivíduo corre os riscos decorrentes de uma postura desequilibrada, desenvolvendo cenários mentais absolutamente ilusórios, marcados tanto pela superficialidade como pela falsa profundidade intelectual. Em ambas, constrói realidades viciadas pelo imediatismo existencial, notadamente marcado pela dificuldade de aprofundar-se em si mesmo, compreender-se e recolocar-se positivamente no fluxo natural que a sabedoria divina o vem reconduzindo, desde a sua criação até o instante sagrado de mais uma nova existência.

A tomada de decisão no que se refere a cultivar a paciência faz-se, pois, indispensável, para que o Ser aprenda a lidar com o tempo e adquira prática no autoconhecimento, eliminando do seu psiquismo os condicionamentos que geram expectativas completamente destrutivas e infantis, preparando-se para uma vivência interior marcada pela percepção, compreensão e superação dos condicionamentos já instalados; construindo uma vivência mais realista marcada pelo despertar de suas potencialidades adormecidas, e pelo resgate de sua verdadeira

personalidade, agora sim, conectada aos anseios verdadeiros da consciência que preside sua evolução.

Enquanto isso, temos vivido uma espécie de desperdício às avessas, onde ingerimos conhecimentos e experiências que não nos alimentam verdadeiramente, pelo contrário, encharcam-nos o organismo físico e mental, provocando uma série de desequilíbrios provocados pela completa inobservância do ser em relação a si mesmo. Completamente aturdido pelo desequilíbrio em que se encontra ele vive de tentativas extremas, identificado com uma realidade puramente física, o que não o permite ultrapassar os limites imprescindíveis de serem ultrapassados, para que possa ter acesso às condições necessárias à sua ascensão espiritual e não apenas intelectual e material.

Profundamente condicionados a comportamentos que nos impede de enxergar os caminhos de nossa própria liberdade, pouco podemos fazer no sentido de extirpá-los cirurgicamente. É preciso, pois, trabalharmos com a “realidade”, observando, compreendendo e superando nossas próprias limitações e deficiências sem, contudo, nos esquecermos da importância do tempo a nós concedido pela misericórdia divina visando a nossa autotransformação e a responsabilidade pelos compromissos assumidos.

A imortalidade não pode servir de escusas ao coração sofrido e cansado, pelo contrário, é bálsamo que nos alivia a dor e nos

injeta esperança, enquanto recoloca-nos, inexoravelmente, diante de novas lutas, conscientes de que a vida é campo de intermináveis batalhas. Cada um tem seu papel milimetricamente definido com possibilidades indefinidas. A cada um cabem as horas certas de luta e de descanso. Perde-se, pois, tempo, quando se compraz com o descaso pelas horas, pois, mesmo posta diante de nós a eternidade, cada minuto é vida que não mais retorna.

A visão materialista a que desde cedo somos condicionados, também desde cedo nos torna míopes em relação ao nosso próprio futuro. Encurtamos as possibilidades reais de sermos verdadeiramente felizes e ampliamos a nossa capacidade de sobrevivermos na infelicidade. Essa tem sido a base sobre a qual se alicerça grande parte do processo cultural envolvido na formação do caráter humano e ao mesmo tempo, também, o grande responsável pelo comprometimento desse mesmo caráter que, desprovido de autenticidade, tomba, incessantemente, sem o fortalecimento do ser que o sustenta.

Ao mesmo tempo em que adotamos uma educação descomprometida com a autodescoberta do ser, enfraquecemo-nos para a conquista do que realmente somos, abdicando aos poucos do acolhimento e do entendimento de uma realidade interior, inicialmente incômoda, porém, não estranha; aparentemente desconexa devido à falta de investimento no conhecer de si próprio, mas potencialmente capaz de alicerçar o

ser naquilo que ele realmente necessita ao seu verdadeiro crescimento.

Pretensiosamente iludidos, achando que a natureza dá saltos, acabamos por investir em manobras que nos substituam a necessidade inalienável dos primeiros degraus nessa interminável escalada da compreensão de nós mesmos e nos arriscamos a realizá-la pelas cordas imaginárias da ilusão que nos oferece o mundo ainda dominado por forças que necessitam rapidamente de nossa disposição e nosso devotamento. A cada suposta conquista, perdemos um pouco do que verdadeiramente não poderíamos de forma alguma dispor e ao passo em que vamos-nos “encontrando” no mundo, nos perdemos de nós mesmos, fortalecidos tal quais escravos de luxo e enfraquecidos como senhores de si.

A essência de qualquer coisa está presente no propósito para o qual a mesma foi criada. Ela precede a coisa visto que antes existe na intenção de quem a cria; mas na coisa em si, confunde-se com a própria existência criada. Em cada coisa e em cada um de nós, a essência e a existência não são coisas separadas. Nascem entrelaçadas. Uma dar finalidade a outra. Somos a materialização da essência do que somos a caminho da realização para o qual fomos criados; somos a materialização de nossa própria finalidade.

Assim são nossas vidas. Não nascemos por um acaso e muito menos nascemos para o acaso. Nascemos por uma necessidade.

Uma necessidade, não de sermos algo, mas de realizarmos algo que já somos. Uma necessidade inalienável de ser e progredir incessantemente não no sentido de nos avolumarmos, mas no sentido de nos conhecermos. Diante de nós, Espíritos imortais, desfilam o micro e o macro, a poeira e os sóis, o átomo e os Cristos, para que possamos conhecer todas as nossas possibilidades. Estamos, pois, verdadeiramente, condenados ao progresso e cada um de nós participa desse processo de uma forma toda própria, com objetivos específicos, detentores de um projeto e construindo esse projeto à medida que o vivenciamos dentro e fora de nós, experimentando-o no mundo e para o mundo, participando, assim, da grandiosa obra de transformação da vida.

A ILUSÃO MATERIALISTA

Agora mesmo você pode está triste e logo após, tomado de uma imensa felicidade. O que mudou? Você. Você mudou. Por alguns instantes, você permitiu enxergar a vida com outros olhos. Isso não depende do que você viu. Depende de como você viu.

Muito se tem falado de espiritualidade, de mudança, de transformação, de “Deus”, mas as perguntas a serem respondidas são: Por que mudar? Qual a importância da Fé? Afinal, por que precisamos tomar consciência de nossa natureza espiritual? Muitos dos que falam em fé, em “Deus”, em espiritualidade e em transformação não tem respostas para estas perguntas e a verdade é que até que você experimente algo que te preencha mais do que as “coisas” do mundo, você não vai mudar e muito menos encontrar estas respostas por si mesmo.

O estranho é que na maioria das vezes nós olhamos para a natureza e para toda a Sua grandiosidade à nossa volta e simplesmente não conseguimos sentir a presença de “Deus”. Bilhões de galáxias, de planetas, de sóis, tudo existindo na mais perfeita harmonia; a vida diante de nós se transformando através de etapas que se sucedem entre o que chamamos de vida e de morte; a natureza perfeitamente bela e nós, simplesmente, não conseguimos que a nossa razão dê um passo além daquilo para o qual fomos “educados” para aceitar como sendo a verdade.

Temos consciência de que algo extraordinariamente imenso, complexo, perfeito e belo, existe para além desse pequeno universo que os nossos sentidos podem perceber e que a nossa “razão” consegue explicar, mas nos recusamos a dar um passo além dessa linha imaginária criada para nos manter completamente fixados a um mundo estritamente material, reféns de uma ciência que ainda não soube se colocar no seu devido lugar, que é o de compreender e explicar racionalmente a Natureza e os fenômenos que nela acontecem, através da observação e da demonstração das Leis que regem o universo em seus aspectos material e espiritual, e não o de “defensora” intransigente de paradigmas já superados. Por isso mesmo, tem abdicado do papel inquestionável que lhe está reservado nessa grande epopeia, que é o de ser, junto com a filosofia e a fé, o “farol” a iluminar o caminho da humanidade em direção à sua própria transcendência.

Enquanto aceitamos continuar reféns dessa linha imaginária que sustenta a manutenção do paradigma materialista, continuamos, também, reféns de nossas próprias limitações, não nos permitimos obter as respostas de que tanto precisamos. Mesmo quando as obtemos, não as aceitamos, e por isso, continuamos esperando que a ciência, transformada em “bezerro de ouro” dos nossos tempos, possa nos dizer o que fazer de nossas vidas.

Eis um ponto crucial da crise em que se encontra atualmente toda a humanidade. Se antes tentamos retirar “Deus” de nossos

corações por conta dos excessos da religião, agora não sabemos como trazê-lo de volta por conta dos excessos da ciência.

Mas a boa notícia é que Ele nunca saiu de nossos corações. Isso simplesmente não é possível. Nem o próprio “Deus” pode retirar-se de nós, pois só existimos Nele. Não há como um pai retirar-se do filho. Ele pode deixar de estar presente em suas lembranças, mas nunca poderá estar ausente de seu ser. Não há como você retirar seus pais de dentro de você, do seu DNA, assim como não há como você retirar “Deus” de dentro de você, da sua alma. Não há como retirar o Criador da sua criação.

Então, quando todas as nossas ilusões começam a cair por terra, quando não encontramos mais respostas que expliquem o nosso sofrimento, quando o “bezerro de ouro” já não consegue nos trazer as respostas que satisfaçam à nossa inteligência, então começamos a sentir que estamos acordando para um novo momento de nossas vidas; um momento certamente ainda confuso, mas que já intuímos como grandioso, luminoso e verdadeiro. Podemos senti-lo como sendo um belo dia que se inicia, iluminado, radiante, capaz de nos trazer de volta pra “casa”, de volta pra dentro de nós, de volta pra “Deus”.

Essa é, portanto, a grande questão que precisamos agora resolver; o grande desafio que precisamos agora enfrentar: como reaprender a lidar com esse “Deus” que nunca foi embora? Esse “Deus” que nunca esteve longe, que sempre esteve dentro de nós, que na verdade se manifesta através de nós.

E mais que isso, como lidar com “Ele” sem que precisemos defini-Lo, delimitá-Lo, reduzi-Lo ou aumentá-Lo, para que caiba em nosso entendimento? Como aprender a sermos deuses, mas também, filhos de Deus? Como aprendermos a ser livres sem que para isso tenhamos que ignorar as Suas Leis? Como nos compreendermos imortais e infinitos sem abdicarmos deste instante precioso que é estarmos encarnados? Talvez sejam estas as perguntas que estejam dentro de muitos de nós e para as quais o materialismo não é capaz de apresentar respostas, pois precisaria sacrificar-se a si próprio.

Por isso creio que este seja o grande desafio de nosso tempo. Sentirmos dentro de nós algo além de uma alma feita de carne e osso. Descobrirmos uma alma feita de amor. Sem essa compreensão continuaremos vivendo sobre o paradigma da materialidade, que nos “transforma” em simples peças de uma antiga engrenagem; que nos limita e nos coloca diante de um acaso perfeito que nunca existiu.

Assim, compreender racionalmente a existência deste “Deus” do qual fazemos parte e da imortalidade da alma, que é a prova maior da eternidade deste próprio “Deus”, ao invés de nos fazer procrastinar as questões essenciais de nossa existência, faz-nos buscar resolvê-las o quanto antes.

A certeza da imortalidade tem o poder de nos libertar da covardia e da avareza que contamina os sentimentos de uma alma que ainda se considera aprisionada pelo tempo, tornando

nossas ações medíocres e ranzinzas. A fé na imortalidade nos recoloca em níveis de percepção até então desconhecidos, nos permitindo experimentar perspectivas antes profundamente limitadas; horizontes novos e longínquos, antes, encurtados, e uma força interior que jamais imagináramos possuir.

Só adquire forças quem se permite avançar na sua interioridade, descomprometido das questões ilusórias do tempo e da morte, para recolocar-se existencialmente de um ponto de vista honesto consigo mesmo, de forma corajosa, e relançar-se novamente à vida, agora com toda a sua intensidade e com toda a audácia de um ser que se projeta para o infinito.

A ESCOLA TERRENA

Onde quer que você esteja, é aí que está contido todo o segredo que você precisa decifrar. Por isso, trabalhe com o que você possui; com o que você é. Acolha profundamente tudo o que realmente faça parte de você. Não recuse nada. Não se julgue. Tudo está à sua disposição e tudo é necessário para que você se conheça um pouco mais; compreenda-se um pouco mais e descubra-se um pouco mais. E quando você se descobre o universo se revela pra você.

Viver nos requer o exercício incondicional da humildade perante a própria vida, para que nos valhamos da necessária dose de paciência para com nossas próprias limitações. Ao mesmo tempo em que não podemos procrastinar a elevação de nossos sentimentos, da mesma forma não devemos apressar um amadurecimento que ainda não existe, fortalecendo o desequilíbrio, reforçando ainda mais o sentimento de incompletude.

Mesmo diante de nossa inconsciência, de nosso desconhecimento em relação a nós mesmos, mesmo assim, temos uma boa noção de nossas “imperfeições” e do sofrimento que ela pode nos causar e causar aos outros, dificultando ainda mais este que já tem sido um processo, muitas vezes, doloroso.

Temos vislumbres através de cenários que nos habitam os pensamentos; das tragédias que poderíamos causar e, mais que isso, consciência dos abismos que andam sempre à nossa frente,

bem próximos, e que um descuido pode nos fazer precipitar em nossa própria desgraça. Esse cenário que nos parece aterrador, na verdade é um ponto de luz que brilha na escuridão de cada alma humana, graças à onipresença do Criador, que se faz presente através de Suas Leis e que nos mostra claramente, quando temos a coragem de “ver”, a imagem verdadeira daquilo que livremente temos escolhido aparentar.

Vivemos, pois, uma vida de profunda insegurança interior. De profunda fragilidade. A moral que nos envolve não tem sustentação, senão, nos falsos acordos que realizamos todos os dias entre nós, nos permitindo de certa forma transitarmos pelo mundo; sobrevivendo como verdadeiros incapazes diante de um mundo materialmente rico, mas espiritualmente pobre.

E é justamente alicerçado sobre este ambiente psíquico, confuso e profundamente fragilizado, aparentando uma lucidez absolutamente inexistente, que se eleva grande parte de nossas aspirações, através de edifícios cujos alicerces há muito se encontram comprometidos, e cujas estruturas encontram-se alijadas de suas próprias finalidades.

Queiramos ou não, façamos as mais profundas reflexões ou prefiramos uma vivência absolutamente superficial; façamos as mais incríveis proposições; levantemos as mais extraordinárias teses ou simplesmente não desejemos propor absolutamente nada, aprofundar absolutamente nada; estejamos vivendo nas melhores condições materiais ou desfalcados de tudo; em todas

as situações encontramos o sentimento de insatisfação presente na quase totalidade desta humanidade.

Da criança ao velho, do pobre ao rico, do analfabeto ao letrado, daqueles que se encontram nos campos àqueles que se encontram nas grandes cidades; nos ateus, nos crentes, em todos, habita, além da força que nos coloca em movimento na busca por novos desafios, a que nos paralisa diante aos nossos receios mais sombrios.

É nesse contexto que realizamos nossas reflexões em relação ao comportamento humano. Não ao comportamento puramente externo, aparente, que na maioria das vezes não reflete em nada aquele que o exerce ou finge exercê-lo, mas ao comportamento psíquico, interior; aquele através do qual o ser se vê completamente envolvido, na maioria das vezes, refém, e identificado com as armadilhas que ele próprio construiu; noutras, convivendo em um ambiente pacífico, harmonioso, tranquilo, consciente das dificuldades que enfrenta, mas sabedor de que, em existindo, embora dolorosas, serão necessárias ao aperfeiçoamento e fortalecimento da alma.

Não há dúvidas de que o universo mantém-se em perfeita harmonia graças às Leis Divinas, eternas e imutáveis, que impõem absoluta solidariedade entre tudo o que existe. Por isso mesmo, para muitos de nós que ainda nos encontramos estagiando em baixos níveis de consciência, ainda se faz necessário uma adequação compulsória do comportamento

íntimo, através de uma rigorosa justiça, visando restabelecer o equilíbrio indispensável ao crescimento que jamais deixa de acontecer.

A incapacidade do Espírito em se harmonizar livremente com essas Leis, promovendo seu aprimoramento e sua autotransformação; de perceber suas potencialidades e atingir níveis de consciência que o permitam compreender de forma mais clara e profunda a sua realidade, assumindo suas responsabilidades e desta forma exercer de forma equilibrada o seu livre arbítrio, compromete-lhe profundamente o anseio de liberdade, desencadeando toda uma série de incômodos que irão se expressar em diferentes níveis de desequilíbrio físico e psíquico, estabelecendo enfermidades e muita dor.

Desta forma, quis o Criador que ao atingíssemos o nível de humanidade, pudéssemos iniciar uma nova forma de participação na harmonia universal, agora não mais de forma puramente instintiva, mas de forma consciente, proativa, para que possamos nos tornar habilitados a agir como cocriadores de Sua obra. É para esse momento que temos sido preparados e é para isso que estamos matriculados na escola terrena, em disciplinas cuidadosamente escolhidas e inequivocamente necessárias ao nosso desenvolvimento intelectual e moral, e que nos conduzirão a um novo nível de compreensão, cuja aferição e a adequação desses conhecimentos se realizam através das provas e expiações a que estamos, todos, inexoravelmente, submetidos, mas jamais escravizados.

Vivemos dias conturbados diante de uma realidade que não nos deveria assustar, pois que convoca-nos ao trabalho e não ao desespero. Sob o amparo generoso dos irmãos que já atingiram as escalas mais evoluídas do saber, cabe-nos aprender com a devida paciência e o empenho necessário, as lições que nos são apresentadas através de uma pedagogia que se assenta em Leis inderrogáveis. Assim como estamos sob o amparo de alguns, também nos foi delegado amparar a outros. Somos mestres e alunos em nossa própria ascensão. Entre os que chegam e os que partem, inquietam-se os que ainda empreendem os últimos esforços visando o maior número de acertos perante as provas que lhes foram confiadas.

Apesar de em todos os tempos a humanidade testemunhar o comportamento das novas gerações que se sucedem cada vez mais sincronizadas com o tempo que “as espera”, sinalizando de forma clara e irrecusável, não só as transformações genéticas do corpo, mas, também, e principalmente, a evolução intelectual e moral da alma; mesmo assim, continuamos a recebê-las e a educá-las como sendo “tábuas rasas”, embora já nasçam com extensa bagagem intuitiva. Não se trata de uma questão de crença, mas de ciência no seu sentido mais amplo. Aquilo que nos restou do naufrágio da morte, agora, emerge no grande mar da vida, reconduzindo-nos, novamente, através das embarcações divinas, à “terra firme”, palco inevitável da nossa própria história. Somos todos náufragos com bagagem prestimosa, necessitados de caloroso amparo, nascidos para socorrer e sermos socorridos.

ESTAMOS TODOS APRENDENDO

Então, a primeira coisa a compreender é: permita que você se torne uma pessoa natural. Permita que suas respostas surjam apenas no momento em que lhes sejam feitas as perguntas. Liberte-se das expectativas sempre que for possível. Esse é o grande desafio. A liberdade é estar completamente presente, aqui e agora. É estar profundamente mergulhado na realidade e não no sonho.

Uma grande parcela das pessoas está acostumada a lidar quase sempre com uma única forma de ver a vida. Então, elas esperam que todos também ajam assim. Esperam que você diga: Eu sou isso ou eu sou aquilo. Eu aceito isso e nego aquilo; Eu amo isso e odeio aquilo; É assim que fica mais fácil para elas. Essas pessoas precisam que você tome uma posição, que você isole-se numa posição, que você se feche numa única corrente de pensamentos; ou em uma religião; ou em uma ideologia, ou em um sistema.

Então, quando você não se posiciona radicalmente em relação a nada elas dizem que você não sabe o que quer. Só conseguem enxergar limitação, onde existe amplitude. Elas querem, precisam que você diga, sou cristão, sou budista, sou ateu, sou espírita, sou judeu, sou capitalista, comunista, liberal, anarquista, não importa, desde que você se posicione e “seja” alguma coisa. Isso lhes dará segurança.

Suas mentes vivem em guerra e elas precisam saber quem são seus aliados e quem são seus inimigos. Elas precisam que você se defina como alguma coisa, porque senão, como poderão controlá-lo? Como poderão definir as estratégias para lidar com você? Como irão conseguir aprisioná-lo? Como poderão destruí-lo? E não nos enganemos, elas estão em todos os lugares; estão em toda parte. Estão tanto entre os que se dizem ateus como entre os que se intitulam espiritualistas. Você as encontrará tanto no mercado como nos templos. Não perceberam ainda que, se somos algo, consciência é o que somos; filhos de “Deus” em constante aprendizado para a tomada de consciência daquilo que já somos.

Portanto, não precisamos tomar partido de nada; não precisamos negar nada. Não precisamos nos reduzir a nada. Não precisamos chegar a nenhuma conclusão. Não precisamos desenvolver teorias absolutas e definitivas que nos escravizem.

Simplesmente a existência se manifesta a todos e cada um tem uma forma momentânea de compreendê-la e isso tem as suas consequências e essas consequências tem um efeito direto em nosso crescimento; em nossas vidas. Então, eu posso dizer: que lindo a forma como você está vendo a vida neste momento. Ou, ainda, que maravilha a forma como aquele outro enxerga essa situação. Ou, que coisa fantástica a visão que aquele outro tem sobre este determinado aspecto da vida. Ou, também, simplesmente, dizer: não concordo com a forma como você está vendo isso neste instante. Simplesmente assim. Não é uma

questão se posicionar-se para um “lado” ou para “outro”, é uma questão de ser livre para transitar por diferentes momentos sem aprisionar ou aprisionar-se.

É claro que podemos e, por vezes até devemos, adotar para nós mesmos um determinado posicionamento intelectual, moral ou mesmo religioso, se considerarmos isso importante para uma vivência mais profunda daquilo que elegermos fundamental para o nosso crescimento em um determinado momento de nossas vidas. Não existe nenhum problema nisso.

Não existe problema em si dizer cristão, ou em se definir como budista, ou como judeu, ou espírita, ou como ateu. Não existe aqui nenhuma contradição. Nosso estado evolutivo ainda nos impõe muitas “limitações”, entre elas, até mesmo a de nos julgarmos necessitados de “rótulos”. Este não é o problema, desde que não nos isolemos; desde que não nos consideremos “privilegiados”; desde que não nos consideremos detentores de toda a verdade; desde que não nos sintamos “aprisionados”. Apenas precisamos compreender que o que cremos é resultado de como enxergamos as coisas neste instante. E que precisamos respeitar e respeitarmo-nos. Então, podemos conviver, uns com os outros, cada um com suas crenças. Não precisamos nos distanciar por isso. Não precisamos nos odiar por isso. Não precisamos nos matar por isso.

Então, qual o problema de ver coisas lindas no cristianismo? E de encontrar tantas outras no budismo, no espiritismo, no

judaísmo, hinduísmo, islamismo, etc.? Qual o problema em ser um ateu? A quantos a religião ajudou a libertar-se da descrença estéril, e, também, a quantos o materialismo ajudou a livrar-se de uma religiosidade débil? Quem pode, conhecendo a história humana, desconhecer a importância de tantos acontecimentos que pareceram contradizerem-se, mas, que na verdade estavam completamente interligados uns aos outros? Uns a alicerçar o surgimento de outros; fomentando as condições necessárias ao desabrochar dos acontecimentos seguintes.

Senão, quem pode dizer que foram inúteis o apogeu das civilizações, Egípcia, Grega, ou do império Romano, bem como os seus respectivos declínios? O surgimento da filosofia, a igreja e a idade média, marcadas por seus pecados e obscurantismos; todo o sofrimento e a insatisfação humana sendo transformada em verdadeiro adubo, preparando o solo europeu para o florescimento das futuras revoluções que iriam retirar esta mesma humanidade de uma infância demorada e sombria para alçá-la a uma adolescência cheia de luz e sabedoria.

Quem, conhecendo a história, poderá desconsiderar esta dialética que a princípio nos confunde, enquanto nos faz mergulhar por tantas vezes em noites tenebrosas, para que possamos amanhecer maravilhados e fortalecidos com a luz de um novo dia.

Sócrates, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Maquiavel, Erasmo de Roterdã, Descartes, Bacon, Kant, Hegel, Marx,

Nietzsche, Sartre, e tantos outros, nenhum deles, verdadeiramente, contradiz ao outro. Se assim o parece, é muito mais devido ao reducionismo com o qual ainda insistimos em enxergar a vida. Todos parecem muito mais complementarem-se, nos apresentando partes de uma mesma verdade.

Através de seus mensageiros, o Criador nos revela a verdade através de varias línguas, de vários ângulos, atendendo às mais variadas culturas e aos mais diferentes momentos da compreensão humana. Então, todo o conhecimento “produzido” deixa de ser propriedade de alguém ou de alguma ideologia, ou de alguma religião, ou de algum sistema político ou econômico. Deixa de ser motivo para guerras; para disputas. Todo o conhecimento passa a ser o que realmente é: uma “revelação”; apenas uma “revelação”. Um presente de “Deus”; aquilo que a nossa razão em determinados momentos encontra-se preparada para perceber, compreender e colocar a serviço do nosso crescimento; algo que sempre esteve conosco, sempre esteve disponível, mas que não é algo “nosso”; é algo de Todos. Não é propriedade de ninguém; é a própria Inteligência Suprema se revelando a cada um de nós no seu devido tempo e da forma que cada um já possa compreender. Então, quem está certo? Quem está errado? Ninguém. Estamos, apenas, todos aprendendo.

Paz e Luz. Fiquem com Deus!